



## **O Círculo Vicioso da Ajuda ao Desenvolvimento:**

*Por que a Libéria se tornou dependente à ajuda internacional e como  
quebrar esse círculo*

**Liza Cadete**

**Professora Orientadora: Fátima Mello**

**2018.1**

## **O Círculo Vicioso da Ajuda ao Desenvolvimento:**

*Por que a Libéria se tornou dependente à ajuda internacional e como  
quebrar esse círculo*

**Liza Cadete**

**Professora Orientadora: Fátima Mello**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações  
Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-  
Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações  
Internacionais

**2018.1**

## **Resumo**

Este *policy paper* apresenta as promessas e as limitações do atual modelo de ajuda internacional ao desenvolvimento que são predominantes nos projetos e debates internacionais. Grande parte da comunidade internacional promove a continuidade da ajuda, pois acredita que ela estimula o desenvolvimento nos países receptores. No entanto, a realidade demonstra como países que recebem mais ajuda tendem a apresentar um quadro econômico e político mais frágil que os demais e, ao contrário do esperado, não conseguem se desenvolver de maneira sustentável. O cenário liberiano é usado com um estudo de caso, visto que a Libéria é um dos países que mais depende da ajuda internacional. A partir de estatísticas e uma análise histórica, é possível concluir que seria benéfico se a Libéria – e outros países em situações parecidas – se esforçasse para transformar sua política de desenvolvimento no médio a longo prazo, adotando medidas que estejam voltadas mais para o crescimento interno e as relações com nações vizinhas e o Sul Global. Por fim, são feitas algumas recomendações de atuação, para a comunidade internacional, as autoridades liberianas e a sociedade civil de como começar a quebrar o círculo vicioso da dependência à ajuda internacional.

## **Palavras-chave**

Libéria, ajuda, desenvolvimento, dependência, modelos alternativos.

## Sumário

	<b>Página</b>
Abreviações.....	5
1- Introdução.....	7
1.1 Tipos de Ajuda.....	8
2- Os Modelos de Desenvolvimento e de Ajuda.....	9
2.1 O Modelo Neoliberal.....	11
3- Críticas à Ajuda ao Desenvolvimento.....	13
3.1 Dependência.....	13
4- Uma Breve História da Libéria.....	15
4.1 As Guerras Civis.....	15
4.2 A Economia e o Setor informal.....	16
4.3 Educação.....	17
4.4 Exportações.....	17
4.5 As Relações entre a Libéria e os EUA.....	18
5- A Libéria Hoje.....	21
5.1 Principais Missões e Atores.....	21
5.1.1 ONU.....	21
5.1.2 USAID.....	22
6- O Círculo Vicioso da Ajuda.....	23
7- Corrupção: Um Grande Obstáculo para o Desenvolvimento.....	26

8- O que pode ser feito? .....	28
9- Recomendações.....	29
9.1. À Comunidade Internacional.....	29
9.2. Às Autoridades Liberiana.....	30
9.3. À Sociedade Civil.....	31
10- Limitações e Conclusão.....	32
11- Bibliografia .....	32

## **Abreviações**

ACNUR- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ACS- American Colonization Society

BAD- Banco Africano de Desenvolvimento

BEI- Banco Europeu de Desenvolvimento

BM – Banco Mundial

CAD- Comitê de Assistência ao Desenvolvimento

CEDEAO- Comunidade Econômica de Estados da África Ocidental

EUA- Estados Unidos da América

FIDA- Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola

FMI- Fundo Monetário Internacional

FAO- Food and Agriculture Organization

GEMAP- Programa de Assistência para a Gestão Econômica Governamental

MCC- Millemium Challenge Corporation

MFPD- Ministério das Finanças e Planejamento para o Desenvolvimento

ODA- Assistência Oficial ao Desenvolvimento

OCDE- Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico

ODM- Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

OMS- Organização Mundial da Saúde

ONG- Organização Não-Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

OSD- Objetivos Sustentáveis de Desenvolvimento

PIB- Produto Interno Bruto

PNUD- Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento

TWP- True Whig Party

UE- União Europeia

UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNICEF- United Nation's Children Fund

UNIFEM- United Nations Development Fund for Women

UN-HABITAT- United Nations Human Settlement Programme

UNMIL- United Nations Mission in Liberia

UNOPS- Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos

USAID- United States Agency for International Development

WFP- World Food Programme

## 1 - Introdução

A temática da eficácia e das limitações da ajuda internacional é uma das mais discutidas em fóruns internacionais. As opiniões acerca da ajuda internacional para o desenvolvimento são múltiplas e frequentemente polarizadas. Esse *paper* discute como os tipos de ajuda evoluíram e quais são suas características atualmente além de suas consequências para os países receptores. O pensamento dominante da comunidade internacional acredita que a ajuda – na forma de empréstimos, doações ou programas sociais, por exemplo – promove o desenvolvimento nos Estados onde ela atua. No entanto, há também um grupo crescente de críticos, que chama a atenção ao perigo do ‘vício’ da ajuda; países que se tornam dependentes à ajuda internacional.

Também é discutido o papel da cooperação internacional – seja ela bilateral ou multilateral – na elaboração de políticas públicas, e até que ponto elas são bem-sucedidas. Apesar da ajuda ao desenvolvimento ainda ser uma forma de política respeitada e empregada internacionalmente por governos e agências internacionais, há uma crescente preocupação com a sua real eficácia, particularmente no médio ao longo prazo. Há críticas contundentes por parte de acadêmicos e *policy makers* em relação à insistência do sistema internacional em acreditar que a ajuda ao desenvolvimento apoia o fortalecimento de instituições democráticas e autossustentáveis em países de baixa renda. Pelo contrário, muitos veem a ajuda ao desenvolvimento como um instrumento que frequentemente inibe, ao em vez de promover, o desenvolvimento dos países receptores.

O caso liberiano é emblemático e, portanto, é apresentado como um dos diversos exemplos da deficiência da ajuda internacional ao desenvolvimento. A Libéria é um dos maiores receptores de ajuda, que provém dos grandes doadores internacionais – seja eles governos estrangeiros; organizações internacionais e agências de desenvolvimento. No entanto, o atual quadro político e econômico



liberiano é preocupante, e é visivelmente aquém do que se esperaria de uma nação que já recebeu mais de US\$ 9,4 trilhões em Assistência Oficial ao Desenvolvimento (ODA, em inglês)<sup>1</sup> de 2003 a 2016 (BM,2016). O cenário socioeconômico do país evidencia que o tempo e os recursos usados em inúmeros projetos, doações e empréstimos nos últimos 15 anos não refletiram na melhora do panorama socioeconômico do país. Logo, esse policy argumenta que o modelo de desenvolvimento baseado fortemente na ajuda internacional é pouco efetivo. Alternativamente, ele propõe outras soluções que não dependam da ajuda internacional de modo a pôr fim no ciclo de dependência à ajuda internacional no qual o governo liberiano se encontra atualmente.

Para que seja possível fazer uma análise crítica ao modelo de desenvolvimento adotado pela Libéria, é primeiro necessário delinear o estabelecimento do atual paradigma de desenvolvimento no qual a ajuda está inserida, considerando os interesses políticos e acontecimentos históricos, para que em seguida possamos problematizá-lo com base em teorias críticas e pós-coloniais.

### **Tipos de Ajuda**

A ajuda é comumente separada em três categorias: humanitária ou emergencial, proveniente de instituições de caridade ou sistemática (MOYO, 2009). Ajuda humanitária e emergencial destinam-se às comunidades vítimas de catástrofes ou calamidades, como no caso de desastres naturais ou de epidemias, que acontecem de maneira inesperada e cujos desdobramentos são consequência de um determinado evento ou origem. A ajuda de origem beneficente é distribuída por instituições ou indivíduos, e é comum em cenários emergenciais. Já a ajuda sistemática é aquela feita diretamente ao governo do Estado receptor, seja por outros Estados ou uma agência especializada (no caso da cooperação bilateral)

---

<sup>1</sup> Assistência Oficial ao Desenvolvimento é composta por empréstimos e doações feitas por agências oficiais dos membros do CAD (comitê de assistência ao desenvolvimento); instituições multilaterais e por países não membros do CAD para promover desenvolvimento econômico e bem-estar social nos países e territórios na lista do CAD de recipientes (OCDE, 2017).

ou por instituições internacionais (como ocorre na cooperação multilateral). Dos três tipos, a ajuda sistemática é a mais complexa e a mais problemática, pois, além de envolver uma quantia de recursos significativamente maior que as demais, é duradoura e, conseqüentemente, mais influente no futuro das nações recipientes.

A ajuda sistemática dá na forma de empréstimos (no geral por organizações financeiras) ou de concessões, pode ou não estar atrelada a uma série de condições e ‘instruções’ de uso. Com o tempo, doadores e receptores têm preferido concessões ao invés de empréstimos; que são vistos como injustos já que as condições dos empréstimos não estavam de acordo com o tempo necessário para os investimentos gerarem frutos substanciais para que os receptores consigam pagar suas dívidas (MOYO, 2009, p. 9). Apesar das concessões não precisarem ser repagadas, elas podem sim ser destinadas a uma ou mais áreas como saúde; educação e infraestrutura. Em outros casos, o governo receptor pode cooperar com os doadores e outras instituições (como as não-governamentais) para elaborar e executar projetos, cuja duração varia substancialmente, podendo durar até uma década.

## **2- Os Modelos de Desenvolvimento e de Ajuda**

A evolução de projetos de desenvolvimento está intrinsicamente relacionada com os diferentes entendimentos do significado do conceito do ‘desenvolvimento’. Esse, por sua vez, é um conceito propositalmente vago e abrangente, cujo significado vem sendo pautado de acordo com a conjuntura político-econômica de um determinado período. O projeto da ajuda internacional ao desenvolvimento nasceu na era pós Segunda Guerra Mundial, quando houve um esforço internacional para reconstruir a Europa após os desastres da guerra. Enquanto o Plano Marshall era aplicado na Europa, os

continentes africanos e asiáticos passavam por momentos de transformações políticas, que culminaram no período de descolonização nas décadas de 1960 e 1970.

No dia 20 de janeiro de 1949, o presidente americano reeleito Harry S. Truman anunciou, durante o seu discurso de posse, a necessidade de lançar um novo programa “a serviço da melhoria e do crescimento das regiões subdesenvolvidas” e que “o antigo imperialismo [...] não tem lugar nos nossos planos”<sup>2</sup>. Muitos consideram esse o dia em que o mundo foi dividido entre “países desenvolvidos” e os “em desenvolvimento” ou o momento em que o dito “terceiro mundo” foi criado. Dado que o conceito de desenvolvimento foi criado no começo da Guerra Fria, não é surpreendente que seu desenvolvimento foi profundamente pautado na lógica da bipolaridade e na competição entre os dois polos (EUA e União Soviética) e as duas ideologias contrastantes da época: o capitalismo e o comunismo. Consequentemente, a ajuda internacional ao desenvolvimento foi, no momento de sua concepção uma ferramenta política, uma via de propagação de um conjunto de crenças e valores para países recém-independentes.

De sua concepção até o presente, houve uma sequência de paradigmas teóricos que alegavam saber a ‘receita’ para o desenvolvimento. Políticas e projetos de desenvolvimento eram aplicados a países “subdesenvolvidos” na esperança que eles promoveriam o desenvolvimento. Acadêmicos proponentes do desenvolvimento através modernização, por exemplo, acreditavam que a industrialização e a urbanização são necessárias para transformar um país de ‘tradicional’ para moderno (ROSTOW, 1960). Após a queda da popularidade de modelos de crescimento através da modernização, houve uma série de eventos que possibilitaram o crescimento do pensamento neoliberal como um novo

---

<sup>2</sup> Disponível em < [www.trumanlibrary.org/whistlestop/50yr\\_archive/inagural20jan1949.htm](http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/50yr_archive/inagural20jan1949.htm) > acesso em 09/05/2018

paradigma econômico. O colapso do sistema Bretton Woods em 1971 e a subsequente promoção do dólar americano para a moeda de troca internacional foram os primeiros passos para o liberalismo econômico e a livre circulação de bens e capital se tornarem o novo padrão na economia mundial. As crises do petróleo de 1973 e 1979 contribuíram para a crise da dívida da década de 1980 que atingiu diversos países do ‘terceiro mundo’, e juntas forneceram a base para a virada neoliberal (SÖRENSEN, 2010, p. 9).

### **O Modelo Neoliberal**

O estabelecimento do neoliberalismo como o novo paradigma na economia influenciou diretamente a natureza da ajuda ao desenvolvimento. A partir de então, os projetos de desenvolvimento estavam inseridos na lógica neoliberal e processo de desenvolvimento de um Estado agora havia se tornado sinônimo com a adoção de práticas e instituições neoliberais. Políticas de incentivo a abertura comercial; a menos intervenção do Estado na economia nacional; privatizações e desregulação no mercado de trabalho e no comércio foram aplicadas através de organizações financeiras internacionais como o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Essas instituições financiaram Programas de Ajuste Estruturais cujo objetivo era estimular o crescimento econômico através de políticas de estabilidade macroeconômica de curto prazo que objetivavam a redução de importação e demanda doméstica, em conjunto com políticas de longo prazo para aumentar as exportações. Para diversos países Africanos, isso significou a privatização e a liberalização do comércio, os forçando a priorizar a exportação de commodities enquanto a indústria doméstica era controlada por empresas privadas estrangeiras (HOOGVELT, 1997, p. 88). Consequentemente, o resultado de políticas de ajuste estrutural frequentemente foi o de maior desigualdade social e maior desemprego pelo continente africano (ABRAHAMSEN, 2000, p. 10). Apesar de várias iniciativas de promoção do desenvolvimento na África, o continente ainda

se vê nas margens da economia global. De acordo com a USAID, a África registrou uma queda de 16 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) per capita de 1980 e 2000.

Com o fim da Guerra Fria com a vitória do capitalismo, a ajuda ao desenvolvimento foi revigorada e reformulada, pois o fim da guerra criou a oportunidade para promover a democratização das ex-repúblicas soviéticas junto com o pacote neoliberal. Houve um consenso de que a promoção de boa governança é tão ou mais importante do que simplesmente políticas econômicas e os agentes internacionais passaram a dar mais ênfase para a sociedade civil, que é considerada uma parte essencial da promoção da democracia.

A ajuda ao desenvolvimento, que antes era claramente a expansão da lógica neoliberal, tomou uma nova cara e absorveu uma série de novos discursos, apresentando-se mais inclusivo; participativo e sustentável. No entanto, a lógica neoliberal continua presente nas políticas de desenvolvimento e pode-se dizer que o neoliberalismo absorveu uma série de iniciativas que antes estavam nas margens de estudos sobre desenvolvimento como a importância da participação de Organizações Não-Governamentais (ONGs) ou a preocupação com o desenvolvimento sustentável, que hoje em dia fazem parte do pensamento *mainstream*. (SORENSEN, 2000, p. 10).

Dos anos 2000 em diante, debates internacionais sobre a eficácia da ajuda ao desenvolvimento se tornam mais críticos, e há uma mobilização internacional para criar ferramentas e regimes que possam medir os sucessos e limitações da ajuda, além da criação de políticas de boa governança, maior transparência e *accountability*. O maior comprometimento com a sustentabilidade e a eficácia da cooperação internacional para o desenvolvimento resultaram nos Fóruns de Alto Nível sobre Efetividade da Ajuda a partir de 2003, promovidos pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) bem como na Declaração de Roma sobre Harmonização (2003); o estabelecimento

dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), e posteriormente, os Objetivos Sustentáveis de Desenvolvimento (OSD). Questões acerca da eficácia da ajuda hoje em dia são uma parte integral da cooperação internacional para o desenvolvimento. No entanto, observa-se que o debate ainda está inserido na lógica de que a ajuda ao desenvolvimento é uma parte integral de projetos e promoção do desenvolvimento. O que é discutido são maneiras de melhor aplicar e avaliar a ajuda, e não de propostas alternativas à ajuda.

### **3- Críticas à ajuda ao desenvolvimento**

#### **Dependência**

A relação entre a ajuda e a dependência é uma questão chave, pois é um dos maiores desafios que países receptores enfrentam em relação à eficácia da ajuda no longo prazo. A ajuda ao desenvolvimento deveria ser, por natureza, uma assistência temporária às nações que os doadores julgam não conseguir promover o seu próprio desenvolvimento sem algum auxílio. No entanto, o que se observa é a necessidade dos receptores de prolongar e até aumentar a ajuda por um período temporal indefinido.

No curto prazo, doações e empréstimos podem, de fato, aliviar o orçamento e as reservas nacionais, possibilitando que os governos locais ‘ganhem tempo’ para melhor formular e implementar suas políticas. No entanto, no longo prazo as doações passam a ser uma parte essencial do planejamento financeiro de muitos países, onde as doações internacionais compõem uma parte substancial do orçamento nacional, podendo ultrapassar 80 por cento em casos extremos (ALONSO, 2015, p.16). Assim, uma série de países formula sua previsão de gastos futura na expectativa e esperança que a ajuda recebida será renovada, ou até aumentada. Esse processo é extremamente problemático, não só porque demonstra a falta de independência dos receptores para planejar e executar suas

próprias políticas, mas também porque concede aos doadores uma enorme quantidade de poder sobre o futuro dos receptores.

Para muitos, a relação entre doador e receptor na lógica é extremamente desigual e, portanto, a dita ‘cooperação’ entre as nações (de caráter bilateral, por exemplo) se assemelha mais a uma relação entre colonizador e colônia- uma nova forma de imperialismo. No mundo pós-colonial, o imperialismo tradicional - aquele onde a soberania do Estado é comprometida e se submete a um outro estado – não é aceito. O neoimperialismo, portanto, toma novos rumos, e o controle se dá na forma de controle econômico e monetário (NKRUMAH, 1966). Com essa lógica, é possível relacionar o capitalismo moderno – de caráter neoliberal – como um fator central na criação e expansão do neoimperialismo. Os críticos desse processo argumentam que o capitalismo é necessariamente polarizador em escala mundial e o desenvolvimento desigual que ele causa não pode ser superado, pois faz parte de sua lógica (AMIN, 2005, p. 83).

A separação entre os atores favorecidos pelo sistema capitalista e aqueles desfavorecidos, devido ao aprofundamento da desigualdade, (também chamada da divisão entre o ‘centro’ e a ‘periferia’) é um tema central nas teorias da dependência (DOS SANTOS, 1970; WALLERSTEIN, 1976). Nelas, argumenta-se que o sistema capitalista favorece um certo grupo de atores: aqueles que detêm os meios de produção necessários para a produção e o acúmulo de capital. Em termos da divisão de trabalho, o centro fica encarregado das atividades estratégicas (nas áreas de pesquisa; inovação e gestão), que precisaram de mão de obra qualificada. Enquanto isso, as atividades de extração e coleta de recursos brutos (como mineração e agricultura) são incumbidas à periferia. Em outras palavras, o centro desenvolve o ‘software’ enquanto a periferia o ‘hardware’ (AMIN, 1976, p.211).

Os desdobramentos discutidos nas teorias de dependência podem ser aplicados também na lógica da ajuda internacional para o desenvolvimento. A relação

desigual entre países de centro e países periféricos em termos econômicos; comerciais; políticos e sociais é visível na relação doador-receptor, especialmente na África. Não é por acaso que os principais doadores de ajuda não estão localizados no Norte Global. Dos 10 maiores doadores de ODA para o continente africano, com exceção do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), todos são do Norte Global. Juntos, eles representam 78 por cento de toda a ODA em 2014 (OCDE, 2016). As maiores instituições financeiras mundiais também são sediadas em países no Norte Global como nos EUA, no caso do BM e do FMI; Luxemburgo no caso do Banco Europeu de Investimentos (BEI) e na Itália, como o Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

## **4- Uma Breve História da Libéria**

### **As Guerras Civis**

Os últimos 30 anos da história liberiana foram marcados por longos períodos de conflito intenso, levando ao desmantelamento de instituições políticas, econômicas e sociais. O golpe militar em 1980 liderado pelo Sargento Samuel Doe deu início a um período de instabilidade política e brigas por poder que culminaram na Primeira Guerra Civil Liberiana (1989-1997). A intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), que possibilitou um breve cessar-fogo e a eleição de Charles Taylor como o novo presidente da Libéria em 1997, foi pouco eficaz e a briga pelo controle do país continuou. A Segunda Guerra Civil Liberiana (1999-2003), se deu entre o governo oficial (que muitos viam como ilegítimo) e facções rebeldes que controlaram certas partes do país.

Em resposta ao conflito, diversos atores internacionais se mobilizaram e criaram o Grupo de Contato Internacional sobre a Libéria, em 2002, composto por representantes da ONU; UE; CEDEAO; França; Marrocos; Nigéria; Senegal;



Reino Unido e dos EUA (OHIORHEUAN, 2009, p. 121-125), cujo objetivo foi se tornar uma plataforma de comunicação e coordenação entre os atores interessados no fim do conflito no país. Após um cessar fogo em junho de 2003, as partes beligerantes na Libéria se reuniram e assinaram o Acordo de Paz de Accra. O Acordo não só oficializou o termino da guerra civil no país quanto também estipulou a criação de um governo de transição de dois anos (2003-2005) em preparação para novas eleições presidenciais.

### **A Economia e o Setor informal**

O extensivo período de conflito fortemente impactou a economia liberiana, além de resultar na deterioração do sistema de saúde; educacional e na infraestrutura nacional. Durante as três décadas de conflito, o crescimento econômico e o desenvolvimento foram colocados em segundo plano frente ao desvio de recursos para armamentos e a destruição de bens e propriedades ao redor do país. Conseqüentemente, o PIB liberiano caiu drasticamente durante as guerras civis, de mais de US\$ 700 milhões em 1980 para em torno de US\$100 milhões em 1995.<sup>3</sup> O período de instabilidade política foi devastador para o mercado formal do país. Com as oportunidades de emprego substancialmente reduzidas, grande parte da população qualificada deixou o país (FMI,2005, p.3); causando uma onda de *brain-drain* que, de certo modo, dura até hoje. Logo, o setor informal passou a ter um papel dominante na economia nacional. De acordo com dados coletados pelo PNUD em 2007, a taxa de desemprego na Libéria pós-conflito variava de 75 a 85 por cento; um valor extremamente alto. No entanto, é possível concluir que uma parte dos desempregados fazem parte do mercado informal que não são representados. De qualquer maneira, o quadro ainda é preocupante dado que o trabalhador informal não possui segurança profissional e geralmente não é amparado por direitos trabalhistas e apoio sindical.

---

<sup>3</sup> Ohiorhenuan, 2010, p. 122

## **Educação**

Além da economia, as instituições locais e nacionais se tornaram inoperantes durante as guerras, abrindo caminho para um período de má governança e ampla corrupção. Servidores públicos deixaram de ser pagos e os serviços públicos basilares como o apoio judicial; serviços de saúde e educação se tornaram menos eficazes até se desmantelarem por completo. O conflito generalizado no país causou danos ou a destruição de 80 por cento das escolas. Uma pesquisa feita em 2004 relatou que somente 24 por cento dos alunos tinham acesso a carteiras ou assentos e a relação aluno-livro era de 27:1. Além da quantidade de escolas, a qualidade do ensino na Libéria pós-conflito também estava bem abaixo do necessário. Em relação aos professores do ensino primário por exemplo, somente 40 por cento haviam recebido alguma forma de treinamento (UNICEF, 2018). Esse quadro adverso explica o porquê das taxas de inscrição e conclusão escolar são tão baixas no país. Em 2007, somente 1 por cento de jovens entre 15 e 24 anos possuíam ensino superior completo. Por outro lado, 58 por cento não tinham qualquer educação formal ou somente o ensino fundamental incompleto (EPDC, 2007). Mesmo após o fim da guerra e o retorno à democracia, as autoridades liberianas enfrentam série de obstáculos para o desenvolvimento, resultados de deficiências e vícios sistêmicos estão em prática atualmente e que precedem o período de conflito.

## **Exportações**

É importante ressaltar que independentemente dos efeitos das guerras, a economia liberiana já era e continua sendo pouco diversificada, sendo também fortemente dependente na exportação de matérias primas e na agricultura. Em 2016, mais de 10 anos após o fim da Segunda Guerra Civil, 25 por cento das exportações foram de ouro bruto; 11 por cento de borracha e cacau e 10 por

cento de minerais (especialmente minério de ferro)<sup>4</sup> economia Liberiana está, portanto, sujeita às flutuações de preço dos bem primários que compõem grande parte de sua pauta de exportações. Essa conjuntura, muito comum para países em desenvolvimento na África subsaariana, dificulta o planejamento econômico nacional já que o valor de commodities tende a oscilar mais do que o de produtos manufaturados ou de maior valor agregado.

### **As Relações entre a Libéria e os EUA**

Diferentemente de grande parte dos estados africanos, esses colonizados por nações europeias, a Libéria foi fundada por ex-escravos americanos que retornaram à África devido aos esforços da Sociedade Americana de Colonização (ACS, em inglês). Fundada em 1816 por um pastor presbiteriano e apoiada por figuras influentes no governo americano, os membros da ACS formavam um grupo eclético, cujas razões por trás do desejo de apoiar uma ‘colonização negra’ variavam. Alguns eram abolicionistas e condenadas as ações de donos de escravos, argumentando assim que os ex-escravos seriam melhor sucedidos na África do que nos EUA. Já outros acreditavam que os escravos libertos eram uma ameaça ao ‘bom funcionamento’ da sociedade americana e que seria de interesse do país incentivar sua volta ao continente Africano. A partir de 1822, a ACS promoveu a ‘volta’ de ex-escravos para África (mesmo que, na prática, a maioria havia nascido e crescido nos EUA e seus ancestrais eram de outras regiões na África que não a atual-Libéria) e foi responsável por estabelecer a primeira e única colônia americana na África.

Apesar de serem de descendência africana, os novos colonizadores não se identificavam com a cultura e os costumes das tribos locais e rapidamente de fecharam, criando uma comunidade Américo-liberiana que existe até a atualidade e foi a se tornar a elite político-econômica da Libéria por mais de 100

---

<sup>4</sup> Disponível em < [atlas.media.mit.edu/en/profile/country/lbr/](http://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/lbr/) > acesso em 14/05/18

anos. Quando os colonizadores proclamaram a independência dos EUA em 1847, foi escrita a primeira constituição que foi baseada na constituição americana. Os fundadores da Libéria trouxeram os principais valores da sociedade americana e os implantaram num país multiétnico e multicultural, dando pouca ou nenhuma importância para os interesses locais. A Libéria, assim como os EUA, se tornou uma república constitucional presidencial predominantemente cristã; onde a língua oficial é o inglês e moeda de referência é o dólar americano. Desde então, mantém uma importante aliança com os EUA. Inclusive, sua capital, Monróvia, é uma homenagem ao presidente americano James Monroe, umas das figuras proeminentes que apoiou as atividades da ACS. Por motivos históricos, os EUA se tornaram o principal parceiro comercial da Libéria. Em 2014, 49 por cento de todas as exportações do país foram para os americanos. Comparativamente, a China – o segundo maior parceiro comercial da Libéria- representou 24 por cento das exportações (MOCI, 2014).

É importante ressaltar que a relação entre a Libéria e os EUA é, além de complexa, inexoravelmente desigual. Por um lado, os EUA se dizem o ‘maior apoiador da democracia e reconstrução’ na Libéria, tendo investido mais de US\$ 1 bilhão em assistência bilateral e US\$ 1 bilhão na forma de contribuições para a Missão da ONU na Libéria (UNMIL)<sup>5</sup>. Por outro lado, os EUA continuaram fornecendo ajuda e doações à Libéria na década de 1980, mesmo após o golpe militar de Samuel Doe. De 1980 a 1985, foram providos US\$ 500 milhões em ajuda econômica e militar para o país de 2.3 milhões de pessoas – o maior recipiente de ajuda per capita dos EUA na África Subsaariana (KRAUSS, 1990). Após inúmeras denúncias de abuso das doações por parte das autoridades liberianas, as doações foram reduzidas, chegando a US\$ 10 milhões em 1990. Além disso, os EUA chegaram a apoiar militarmente diversos países na África subsaariana- incluindo a Libéria. Ohaegbulam (1992) argumenta que as ações

---

<sup>5</sup> Disponível em < [lr.usembassy.gov/our-relationship/policy-history/](http://lr.usembassy.gov/our-relationship/policy-history/)> acesso em 19/06/18

americanas nessa época estavam inseridas na lógica da guerra fria e, portanto, faziam parte da política externa americana de contenção do comunismo. Ou seja, a redução de ajuda internacional e o fim do apoio ao governo liberiano resultaram da falta de ameaça comunista na região, não só devido ao mal-uso da ajuda ou de alegações de violações de direitos humanos por parte da administração de Doe. “Washington acreditava ser necessário apoiar qualquer regime africano, seja ele brutal, corrupto ou violento, desde que ele proferisse sua oposição ao comunismo”. (OHAEBULAM, 1992, p.21).

Outro fator essencial nas relações Libéria-EUA é a desigualdade política e econômica inescapável entre os dois Estados. Enquanto a Libéria possui um PIB per capita de US\$ 900 (2017), os EUA registram um valor 66 vezes maior: US\$ 59.500 (CIA, 2018). A larga diferença de poder econômico significa que o valor fornecido pelos americanos na forma de ajuda é essencial para a Libéria, porém completamente dispensável para os EUA. Em 2016, 35 por cento de toda a ajuda recebida pela Libéria veio diretamente das agências americanas USAID e da MCC. De maneira indireta, os EUA também contribuíram através de fundos do BM e de inúmeras agências da ONU, totalizando sua participação a mais de 70 por cento da ajuda (MFDP, 2016). Em contrapartida, o alinhamento entre os dois Estados, que já fora mais estratégica no passado<sup>6</sup>, agora está mais atrelado laços históricos e simbólicos. Logo, é evidente que a Libéria está numa posição de desvantagem em relação a quaisquer debates e acordos entre as duas partes, sejam eles sobre a ajuda ao desenvolvimento ou não.

Com exceção da Etiópia, que nunca foi uma colônia, a Libéria foi o primeiro país a se tornar independente de uma potência colonial. No entanto, é possível argumentar que o quadro atual retrata que os laços com a ex-metrópole foram mantidos e a relação de dependência com os EUA – agora através da ajuda ao

---

<sup>6</sup> De acordo com Ohaegbulam (1992), durante a Segunda Guerra Mundial os EUA construíram uma base aérea militar que foi usada para manter e abastecer aviões em rota para a Europa ou para o Norte da África.

desenvolvimento – debilita o poder da Libéria de se autogovernar. Até que ponto é possível afirmar a ajuda ao desenvolvimento é um instrumento emancipador para o país receptor quando ele preserva uma relação desigual de centro-periferia entre as duas partes?

## **5- A Libéria hoje**

A conjuntura liberiana contemporânea - a partir da assinatura do Acordo de Accra em 2003 que marcou o fim na Segunda Guerra Civil – vem sendo pautada por um conjunto de esforços da comunidade internacional e das autoridades nacionais para reerguer o país e reverter o cenário adverso deixado pelo conflito. Devido à falta de recursos financeiros e humanos no país, a Libéria foi ‘tomada’ por uma miríade de agências internacionais e de nações parceiras<sup>7</sup> que passaram a conduzir o processo de reconstrução do país. No começo dos anos 2000, estima-se que em torno de 85 por cento das atividades das áreas de saúde; educação; tratamento de água e saneamento proviam de financiamento estrangeiro (OHIORHENUAN, 2009, p. 125).

### **Principais Missões e Atores**

#### **ONU**

De 2003 a 2018, a ONU comandou a UNMIL, uma missão de *peacekeeping* e *statebuilding* em larga escala como parte dos esforços de manter a paz na região e promover o desenvolvimento no país. Os objetivos da UNMIL incluíam ‘proteger os civis em caso de uma ressurgência de violência’; reformar as instituições de justiça e segurança e promover e proteger os direitos humanos. A missão atuou tanto na área de *governance*, auxiliando o governo local na formulação de estratégias e implementação de políticas públicas, quanto nas

---

<sup>7</sup> Estavam presentes 12 agências da ONU (ACNUR, FAO; UNDP; UNEP; UNESCO; UNFPA; UN-HABITAT; UNICEF; UNIFEM; UNOPS; WFP; e a OMS); o BM; o FMI; a Organização Internacional para Migração (OIM) e agências da África do Sul; Alemanha; China; Dinamarca; EUA; Gana; Irlanda; Japão; Nigéria; Noruega e Reino Unido (Ohiorhenuan, 2009, p. 125)

áreas militares e de segurança pública. A missão contava, por exemplo, com o apoio de mais de 1500 agentes de *peacekeeping* de 49 países que proviam apoio e treinamento à polícia local (UNMIL, 2018). Após 15 anos de atuação, a ONU anunciou o fim do mandato da UNMIL em março de 2018 que fora ‘completado com sucesso’. Durante a cerimônia de conclusão da missão, o Presidente da Libéria George Weah declarou que a “ONU impactou positivamente a vida dos liberianos, além de todos os espaços da sociedade liberiana desde sua chegada em 2003”<sup>8</sup>.

## USAID

Em concomitância com a atuação a ONU, a agência americana USAID, enquanto a principal doadora bilateral na Libéria, mantém atividades e projetos no país desde 1961 (o ano de sua criação). Tal como a ONU, ela possui uma série de objetivos<sup>9</sup> ambiciosos acerca de seus projetos, entre eles: promover maior eficácia; *accountability* e a inclusão na área de *governance*; aumentar o nível educacional do país; melhorar a qualidade da saúde e sustentar crescimento econômico a fim de reduzir a pobreza.

Em grande medida, os projetos organizados e financiados pelas principais agências internacionais na área de desenvolvimento possuem muitas similaridades entre si: são ambiciosos; fazem uso de uma linguagem inclusiva, otimista e lutam por direitos e ideias de apelo universal. Afinal, quem não apoia a promoção na paz e dos direitos humanos? Ao primeiro olhar, é fácil entender o porquê do apoio internacional por projetos de *peacekeeping*; *statebuilding* e pela manutenção da ajuda ao desenvolvimento, pois eles são embasados por uma série de valores e costumes que foram criados, em grande medida, pelos países doadores e as próprias organizações doadoras. Isso não significa que valores e

---

<sup>8</sup> Disponível em < [unmil.unmissions.org/united-nations-peacekeeping-mission-liberia-completes-its-mandate-0](http://unmil.unmissions.org/united-nations-peacekeeping-mission-liberia-completes-its-mandate-0) > acesso em 19/06/18

<sup>9</sup> Disponível em < [www.usaid.gov/liberia/our-work](http://www.usaid.gov/liberia/our-work) > acesso em 19/06/18.

conceitos de apelo universal ou quase universal (como os direitos humanos; a democracia e o desenvolvimento) não devessem estar presentes em todos as nações do mundo- muito pelo contrário – mas que é preciso se desprender do conceito que a ajuda externa, de países onde essas normas já são vigentes, é a única maneira de alcança-los.

Ainda assim, é possível afirmar que a ajuda pode, sim, promover uma série de benefícios para a sociedade receptora *no curto prazo*. O cerne na questão é, até que ‘vale a pena’ investir quantidades expressivas de recursos de capital e humanos de fora do país em relação aos resultados? Ademais, seria possível alcançar os mesmos resultados sem que esse investimento fosse necessário? No que se refere à segurança, por exemplo, os custos totais da UNMIL de 2003 a meados de 2007 foram de US\$ 2,4 bilhões. No mesmo período, a ajuda total da USAID para a Libéria chegou a US\$ 600 milhões. Além da ajuda financeira, a implementação do Programa de Assistência de Gestão Econômica e de Governança (GEMAP, em Inglês), desenvolvido pelo governo da Libéria em conjunto com atores da comunidade internacional, custou em torno de US\$ 500 milhões durante sua implementação de três anos. Em alguns aspectos, os programas apresentaram efeitos positivos. A receita pública da Libéria passou de US\$ 80 milhões em 2004-2005 para US\$130 milhões em 2006-2007, por exemplo (RENO, 2009, p. 156). Ao olhar exclusivamente para os resultados no curto prazo, muitos concluem que a ajuda internacional traz resultados positivos e conseqüentemente, há uma maior mobilização para que se dê continuidade a ela. No entanto, ao olharmos para o quadro mais geral, vemos que há a criação de um ciclo vicioso de dependência da ajuda. No caso da Libéria, esse cenário é particularmente grave.

## **6- O Ciclo Vicioso da Ajuda**

De acordo com o relatório anual publicado pelo Ministério de Finanças e Planejamento para o Desenvolvimento da Libéria (MFPD) em 2016, a Libéria é



altamente dependente da ajuda financeira na forma de ODA de mais de 25 parceiros doadores, cujo total anual é 30% maior que orçamento nacional. Ou seja, a ajuda internacional é uma parte essencial na formulação de estratégias e políticas públicas do governo da Libéria. O governo da Libéria reconhece que houve um aumento no valor recebido nos últimos 5 anos, e apesar de reconhecer que o fluxo de ajuda ao desenvolvimento para a Libéria apresenta ‘desafios’, ele objetiva ‘melhorar o engajamento com a comunidade de doadores a fim de aumentar a integração; harmonização e uso de arranjos comuns’. Ou seja, não parece haver uma estratégia de médio ao longo prazo que visa a redução a ajuda internacional. Apesar das estatísticas demonstrarem uma dependência alarmante do governo liberiano à ajuda internacional, o relatório expõe a vontade política de dar continuidade a esse processo, e em momento algum expressa a preocupação o contínuo aumento do valor recebido na forma de ajuda internacional ou o desejo de reduzir tal ajuda.

No entanto, o MFPD reconhece que há a necessidade de melhorar a eficiência na coleta de dados da ajuda e nas operações do dia-a-dia da Unidade de Coordenação e Gestão de ajuda (AMCU, em inglês). Melhorar a eficiência da AMCU é certamente um passo em direção à maior eficácia da ajuda internacional. Porém, não demonstra um desejo ou um plano político para reduzir a quantidade de ajuda recebida pela Libéria, nem contempla uma política alternativa de crescimento econômico e desenvolvimento que não dependa da ajuda internacional.

Devido ao passado recente de sucessivas guerras civis na Libéria, é compreensível que muitos argumentem que a ajuda internacional é necessária, e que o fato da Libéria ainda ser um dos países mais pobres do mundo não está relacionado com a ajuda e sim com as consequências da guerra. Porém, vale lembrar que a Libéria já apresentava um quadro econômico e social problemático muito antes das guerras. Por isso, era alvo de intervenções

internacionais, essas na forma de empréstimos. Podemos demarcar pontos de inflexão na história do país de acordo com os empréstimos e concessões recebidos, como o empréstimo de US\$ 1 milhão dos EUA em 1911<sup>10</sup> e o de US\$ 5 milhões em 1926. Em troca, foi acordado que a empresa americana Firestone teria o direito de extrair e comercializar borracha em mais de 4 mil quilômetros quadrados de terra liberiana<sup>11</sup>. Na época, o governo liberiano já se encontrava profundamente endividado por causa de empréstimos passados e, no desespero, optou por pegar um novo empréstimo o que certamente agravou sua condição financeira.

Em 1962, a Libéria se tornou membro do FMI; conhecida por conceder uma série de empréstimos para nações em desenvolvimento em troca da implementação de uma série de políticas liberais de ajuste. Desde então, a Libéria contou com 21 *arrangements*<sup>12</sup> – acordos entre o país e agência, onde a agência oferece ajuda financeira enquanto o receptor ‘implementa políticas de ajuste de modo a restaurar a estabilidade econômica e o crescimento’. Os resultados, no entanto, foram bem abaixo do esperado. Estatísticas mostram que as maiores histórias de sucesso foram de países que não receberam muita ajuda estrangeira e fizeram parte de programas do FMI por muito tempo (EASTERLY, 2006, p. 303). A tabela abaixo mostra que a maior participação em programas do FMI não corresponde, ao contrário do esperado pela comunidade internacional, ao maior crescimento per capita.

De acordo com a Tabela 1 (abaixo), a relação entre crescimento e participação em programas do FMI não é completamente inversamente proporcional- o Japão, por exemplo possui maior tempo de participação do que a Libéria e ainda sim apresenta um crescimento impressionante. No entanto, é possível analisar que países que são alvo de programas do FMI tendem a apresentar menor

---

<sup>10</sup> Thomson (1988) p. 7

<sup>11</sup> Chalk (1967) p. 12-14

<sup>12</sup> FMI, 2018 Disponível em < [imf.org/en/Countries/LBR](http://imf.org/en/Countries/LBR)> acesso em 19/06/18

crescimento econômico. Dos cinco países com pior quadro econômico – onde a economia decresceu – todos passaram por instabilidade política que resultaram em guerras civis ou golpes de estado<sup>13</sup>, sejam elas entre 1980-2002 ou posteriormente. Ao comparar os objetivos do FMI de ‘estabilidade econômica e crescimento’ com a realidade, se torna claro que os programas de desenvolvimento não foram eficazes. A ajuda internacional pode não ter sido a causa dos conflitos, mas ela certamente não foi a solução para eles.

**Tabela 1 – Cinco Melhores e Piores Crescimento per capita (1980-2002)**

<b>Páís</b>	<b>Crescimento per capita (%)</b>	<b>Ajuda/PIB (%)</b>	<b>Tempo sob Programas do FMI (%)</b>
Coréia do Sul	5.90	0.03	36
China	5.60	0.38	8
Taiwã	4.50	0.00	0
Cingapura	4.50	0.07	0
Tailândia	3.90	0.81	30
Costa do Marfim	-1.90	5.60	74
Haiti	-2.60	9.41	55
Libéria	-3.90	11.94	22
Rep. Dem. Do Congo	-5.00	4.69	39
Serra Leoa	-5.80	15.37	50

Reprodução da tabela em Easterly (2006)

## **7- Corrupção: um Grande Obstáculo para o Desenvolvimento**

O combate à corrupção vem se tornando cada vez mais relevante no debate acerca da eficácia da ajuda internacional. Já há o consenso de que a corrupção é um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento, seja ele a partir da ajuda internacional ou não. Apesar de existir atos de corrupção ao redor do mundo em larga ou pequena escala, ela está mais presente em países em desenvolvimento e, frequentemente, os principais infratores são os próprios governantes do país,

<sup>13</sup> Além das duas guerras civis na Libéria, os demais países também passaram por guerras civis: Costa do Marfim (2002-04) e 2010-2011); República Democrática do Congo (1993-1994) e (1997-1999); Serra Leoa (1991-2002) e o Haiti, onde já ocorreram dois golpes de estado, em 1991 e 2004.

que praticam a transferência de verbas públicas para uso próprio, ou de seus familiares e amigos. Países da África Subsaariana são particularmente susceptíveis a atividades de corrupção. Por serem grandes receptores de ajuda, não é ilógico concluir que ocorre o mau uso da ajuda para o benefício de uma pequena elite política.

Ao olharmos para a história política recente da Libéria, vemos que a comunidade minoritária de Américo-Liberianos – que representa não mais do que 10 por cento da população total<sup>14</sup> - fez parte da elite política por mais de um século desde a criação do *True Whig Party* (TWP), que permaneceu no poder de 1878 até 1980 até o golpe de Estado de Samuel Doe. Durante da era do TWP, criaram-se regras e normas que privilegiam a comunidade Américo-liberiana e excluíaam os demais de cargos de poder e influência, dentro ou fora da esfera pública. As instituições liberianas já nascem com um caráter elitista e com práticas nocivas como o nepotismo e o apadrinhamento, onde o poder estava concentrado nas mãos de poucos e a corrupção ocorre em larga escala (BERG, 1973). Quando há o primeiro golpe de estado em 1980, o (autointitulado) General Samuel Doe coordena o assassinato de grande parte do núcleo do TWP e mantém a cultura de corrupção já instaurada no país, agora para seu próprio ganho e o de seus aliados. Ou seja, ele simplesmente substitui uma elite política por outra. Outra figura proeminente na polícia liberiana foi o presidente Charles Taylor que, além ter sido julgado e condenado por uma série de crimes de guerra e crimes contra a humanidade durante seu governo, era um corrupto ‘exemplar’ que pessoalmente controlada em torno de US\$ 200 milhões anualmente nos seus ‘negócios’ no setor público e privado – duas ou três vezes mais do que a verba anual do governo que ele presidia (RENO, 2009, p. 150).

Apesar da comunidade internacional condenar as práticas de corrupção na Libéria, o ato de fornecer ajuda internacional para um país onde o governo é

---

<sup>14</sup> Berg (1973), p. 175

ineficiente e corrupto pode indiretamente promover a permanência do governo e de tal práticas. Além disso, programas de desenvolvimento financiados por agentes estrangeiros tendem a prover um serviço que, no geral, seria provido pelo governo local. Muitos argumentam que a ajuda é um complemento aos esforços do governo e seu papel é assessorar o poder público temporariamente, mas o que acontece quando os serviços providos por ONGs ou agencias internacionais substitui as atividades da autoridade local? A ajuda ao desenvolvimento pode, no médio a longo prazo, ajudar a manter o *status quo* de um Estado ou região, e indiretamente apoiar a permanência de um governo negligente no poder e de instituições fracas.

Portanto, seria produtivo se a Libéria se desprendesse dos laços com doadores internacionais e se concentrasse em fortalecer as instituições nacionais e regionais de maneira mais independente e transparente. A corrupção e a falta de transparência não só são empecilhos para ao desenvolvimento na esfera pública, mas também reprimem os setores privado e o acadêmico. A pouca transparência na esfera pública gera um ambiente de insegurança e desconfiança no governo, que mina as atividades de empresários e empreendedores, além de dificultar pesquisas e análises sobre o assunto pois falta ou há desconfiança acerca dos dados disponíveis.

## **8- O que pode ser feito?**

Visto que o atual modelo de dependência em ajuda internacional produz poucos resultados positivos e é insuficiente para promover o desenvolvimento, há um grupo crescente de críticos desse modelo que sugere estratégias alternativas que não se baseiam na ajuda. Alguns aconselham a adoção de políticas que focam no mercado e no fortalecimento do setor privado com maior ênfase no comércio internacional; na procura de investimento externo direto para o país; no estímulo ao empreendedorismo e a micro finanças e no aumento da poupança e de remessas do exterior (MOYO, 2009, p.145). No curto prazo, a redução da ajuda

pode despertar preocupação por ser uma parcela tão essencial da verba pública, mas Moyo (2009) argumenta que a redução da verba governamental forçaria os governantes a reavaliarem a partilha do orçamento público que, em certos casos, contém gastos administrativos excessivos.

Já para Amin (1993), é necessário que os países em desenvolvimento optem pelo processo de *delinking* e se desprendam da relação de submissão entre eles e os países do centro que atua em detrimento ao seu desenvolvimento interno. Para se desenvolverem, os países precisam sair da lógica capitalista que rege a ordem global moderna que é intrinsecamente desigual e partirem para uma perspectiva de políticas multicêntricas que visam os benefícios mútuos ao invés dos benefícios unilaterais que permeiam as relações entre centro e periferia.

Outro fator importante para o desenvolvimento da Libéria (e de qualquer país) é o fortalecimento das instituições nacionais e regionais. Acemoglu e Robinson (2013) apontam para a diferença entre instituições inclusivas e exclusivas, ressaltando a importância de promover maior inclusão e pluralidade nas instituições. Instituições políticas inclusivas são aquelas onde há a descentralização de poder e que primam pela igualdade de direitos no sistema político. Por outro lado, as instituições políticas exclusivas são aquelas que concentram o poder nas mãos de um pequeno grupo, que se beneficia às custas dos demais.

Apesar de diferentes, são argumentos ambiciosos e possuem seus méritos. Assim, talvez seja possível encontrar um meio termo que se apresente como uma alternativa ao modelo vigente mesclando as diferentes correntes de pensamento.

## **9- Recomendações**

### **À comunidade internacional**

- 1- Que a comunidade internacional *reconheça as deficiências* da ajuda internacional e permita que os países em desenvolvimento tenham mais

independência e poder de ação na formulação de suas políticas públicas. Para que isso aconteça, é necessário que haja esforços para *dar fim* ao atual paradigma de desenvolvimento baseada na ajuda estrangeira.

- 2- Que a ajuda estrangeira seja reduzida para aquela de caráter *emergencial* e humanitário em casos emergenciais, como o surto do *Ebolavirus* em 2014, se modo a ser sempre pontual e de *duração específica* e delimitada.

#### **Às Autoridades Liberianas:**

- 3- Primeiramente, é preciso que o atual governo liberiano esteja *consciente* do quadro de dependência no qual ele se encontra, e que ele *reavalie* seu modelo de desenvolvimento, e que busque alterá-lo para um modelo menos dependente em doações internacionais e mais voltado para iniciativas nacionais, que incentivam o empreendedorismo e o fortalecimento do setor privado liberiano.
- 4- As autoridades liberianas deveriam, portanto, *reduzir progressivamente* o fluxo de doações internacionais para o desenvolvimento provenientes de países e organizações internacionais no Norte Global, que contribuem para a manutenção da relação desigual Norte-Sul.
- 5- Alternativamente, as autoridades liberianas poderiam fortalecer laços diplomáticos e comerciais com os demais países da região e outros países em desenvolvimento, focando na *cooperação Sul-Sul* e criando relações de poder que sejam mais equivalentes e que possam trazer benefícios mútuos.
- 6- Que os dirigentes do país se empenhem em *erradicar*, ou ao menos reduzir drasticamente, *a corrupção* no país. A corrupção endêmica na Libéria é uma das principais barreiras para o crescimento e o desenvolvimento da nação. Somente a partir do fortalecimento de instituições nacionais – como o sistema judiciário, por exemplo – e o comprometimento com a total *transparência* do governo com sua população, que os recursos públicos chegarão para quem os mais precisa.

- 7- Seria benéfico se houvesse um remanejamento nas instituições do país de modo a torna-las mais *inclusivas* e *plurais*. Após décadas de concentração de poder nas mãos de uma elite, é essencial que haja uma dispersão de poder para além da alta cúpula de poder do país. No setor privado, a criação de leis e mecanismos que empecem a concentração de poder e influência dificultaria a formação de monopólios e oligopólios na economia.
- 8- Que a administração atual se comprometa em respeitar a *independência* dos três poderes, evitando que o poder executivo concentre poder demasiado em detrimento do poder legislativo e judiciário. É imperativo que seja quebrado o ‘vício’ de práticas que concentram o poder e normas que priorizam o favoritismo e a troca de favores ao invés da *igualdade* de tratamento e oportunidades.
- 9- A redução progressiva de ajuda ao desenvolvido seria, no *médio ao longo prazo*, benéfica para a Libéria, mesmo que, no primeiro momento, pareça prejudicial e contra intuitivo. Com a diminuição da ajuda ao desenvolvimento, o novo governo liberiano – e os próximos que virão - precisarão *reavaliar o orçamento público* do país e, invariavelmente, cortar gastos ou aumentar a arrecadação nacional por outros meios.

#### **À Sociedade Civil:**

- 10- Que a academia continue a despertar interesse sobre a relação entre a cooperação internacional e a dependência, e que haja o estímulo para alargar e aprofundar as *pesquisas* sobre o assunto.
- 11- É importante que haja o *acompanhamento do progresso* e da evolução das políticas adotadas na Libéria por parte de organizações internacionais não parciais (como ONGs) e, caso necessário, fazer *denúncias* de qualquer infração ou desrespeito aos direitos humanos, de modo a pressionar os *policymakers* locais a tomarem ações relevantes às denúncias.



## 10- Limitações e Conclusão

Para apresentar a conjuntura liberiana atual, esse *paper* faz uso de uma série de dados e estatísticas, além de discutir os principais acontecimentos da história da Libéria do período colonial até a atualidade. Devido às sucessivas guerras no país e a quebra de relações diplomáticas com diversos Estados e organizações, há várias ‘lacunas’ de informação sobre da Libéria durante o conflito. Além da carência de informação (a coleta de dados é certamente mais difícil em regiões de conflito), a falta de transparência das autoridades Liberianas na divulgação de dados, em combinação com o histórico de corrupção no país, diminui a confiança dos dados que são disponibilizados. Não obstante, os dados que estão disponíveis ainda assim retratam com mais detalhes a conjuntura do país e, portanto, são usados ao longo do *paper*.

A partir de uma análise dos objetivos e as decorrências de algumas formas de ajuda internacional para o desenvolvimento, é possível concluir que há um descompasso entre as promessas e os resultados a ajuda. A partir da experiência da Libéria, um país com uma longa história de receber ajuda, percebe-se que o sucesso da ajuda, quando houve, foi limitado e efêmero, sem que houvesse resultados sustentáveis. Por isso, é necessário pensar sobre outros caminhos para o desenvolvimento que não o da ajuda internacional, e sim pensar em maneiras de empoderar e fortalecer as instituições e a sociedade local, para que eles possam ser os agentes de seu próprio desenvolvimento.

## 11- Bibliografia

1. ABRAHAMSEN, Rita. *Disciplining Democracy*, Londres: Zed Books, 1a ed., 2000
2. ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James A. *Why Nations Fail: The origins of power, prosperity and poverty*. Londres: Profile Books 2a ed, 2013

3. ALONSO, José Luís. Supporting LDCs' Transformation: How can ODA Contribute to the Istanbul Programme of Action in the Post-2015 Era? *UN DESA*, 2015
4. AMIN, Samir. *Unequal Development: An essay on the Social Formations of Peripheral Capitalism*. Hassocks: The Harvester Press, 1976.
5. AMIN, Samir. The Challenge of Globalization: Delinking. In: The South Centre (Org.). *Facing the Challenge: Responses to the Report of the South Commission*. Londres: Zed Books, 1993, p. 132-138.
6. AMIN, Samir. O Imperialismo, Passado e Presente. *Tempo*, Rio de Janeiro n°18 p. 77-123, 2005
7. BERG, Elliot J. Politics, Privilege and Progress in Liberia: a review article. *CRED University of Michigan*, n°17, 1973, p.175-183.
8. CHALK, Frank. The Anatomy of an Investment: Firestone's 1927 loan to Liberia. *Canadian Journal of African Studies*, vol.1, n°1, 1967, p. 12- 32
9. CIA, The World Factbook. Disponível em:  
< [www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/xx.html](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/xx.html)>  
Acesso em: 20 jun. 2018.
10. DOS SANTOS, Theotônio. The Sturture of Dependence *The American Economic Review* vol. 60 n° 2, p. 131-136, 1970
11. EASTERLY, William. *The While Man's Burden: why the West's efforts to aid the rest have done so much ill and so little good*. Nova York: Oxford University Press. 2006
12. EPDC, *Liberia*, 2007. Disponível em:  
<[www.epdc.org/sites/default/files/documents/EPDC%20NEP\\_Liberia.pdf](http://www.epdc.org/sites/default/files/documents/EPDC%20NEP_Liberia.pdf)>  
> Acesso em: 19 jun. 2018.
13. EVERILL, Bronwen. *Abolition and Empire in Sierra Leone and Liberia*, 1a ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013
14. FMI, Liberia: Selected Issues and Statistical Appendix. Country Report N° 5, 2005

15. FMI, Disponível em: < [imf.org/en/Countries/LBR](http://imf.org/en/Countries/LBR) > Acesso em: 19 jun. 2018
16. HARRY S. TRUMAN PRESIDENTIAL LIBRARY, *Truman's Inaugural Speech*. Disponível em:  
<[trumanlibrary.org/whistlestop/50yr\\_archive/inagural20jan1949.htm](http://trumanlibrary.org/whistlestop/50yr_archive/inagural20jan1949.htm)>  
Acesso em 09 mai. 2018.
17. HOOGVELT, Ankie. *Globalisation and the Post-Colonial World*,  
Basingstoke: Macmillan, 1997.
18. KRAUSS, Clifford. Strategic Interests tie US to Liberia, *The New York Times*. Disponível em < [nytimes.com/1990/06/13/world/strategic-interests-tie-us-to-liberia.html](http://nytimes.com/1990/06/13/world/strategic-interests-tie-us-to-liberia.html)> Acesso em 17 jun. 2018
- 18 MOCI, Annual Report, Monrovia, 2014.
- 19 MFDP, Division of External Resources and Debt Management, Annual Development Assistance Report, 2016
- 20 MFDP, Division of External Resources and Debt Management, Annual Development Assistance Report. Monrovia, 2017.
- 21 MOYO, Dambisa. *Dead Aid: Why aid is not working and how there is a better way for Africa*. 1a ed. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2010
- 22 OCDE, *Aid at a Glance: Statistics by Region* cap. 2 Africa, 2016.
- 23 OEC, *Liberia*. Disponível em:  
< [atlas.media.mit.edu/en/profile/country/lbr/](http://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/lbr/)> Acesso em 14 mai. 2018.
- 24 OHAEGBULAM, J. Ugboaja. The United States and Africa after the Cold War. *Africa Today* vol. 39 n° 4 1992 p.19-34.
- 25 OHIORHENUAN, John F. E. Economic Reforms and Development Assistance in Postconflict Liberia In: Joseph, Richard; Gillies. Alexandra (Org.). *Smart Aid for African Development* Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2009, p.121-143.

- 26 RENO, Will. Rethinking anticorruption efforts in Liberia. In: Joseph, Richard; Gillies, Alexandra (Org). *Smart Aid for African Development* Boulder: Lynne Rienners Publishers, 2009, p. 147-162.
- 27 ROSTOW, Walt Whitman. *The Stages of Economic Growth: a non-communist manifesto*. Oxford: Oxford University Press, 1960, p.4-16.
- 28 SÖRENSEN, Jens Stillhoff. *Challenging the Aid Paradigm: Western Currents and Asian Alternatives*, Basingstoke: Macmillan, 2000
- 29 THOMSON, John H. *The Liberian Coup D'Etat: It's Impact on Economic and Security Assistance*. Disponível em:  
< [dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a195745.pdf](http://dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a195745.pdf).> Acesso em 21 jun. 2018
- 30 UNICEF. *Liberia: Primary School Years* Disponível em  
< [www.unicef.org/liberia/children\\_7916.html](http://www.unicef.org/liberia/children_7916.html)> Acesso em: 19 jun. 2018
- 31 UNMIL *United Nations Mission in Liberia*. Disponível em:  
< [unmil.unmissions.org/united-nations-peacekeeping-mission-liberia-completes-its-mandate-0](http://unmil.unmissions.org/united-nations-peacekeeping-mission-liberia-completes-its-mandate-0) > Acesso em 19 jun. 2018
- 32 USAID. *Liberia: Our Work* Disponível em  
< [www.usaid.gov/liberia/our-work](http://www.usaid.gov/liberia/our-work) > Acesso em 19 jun. 2018
- 33 US EMBASSY IN LIBERIA. *Policy and History*. Disponível em:  
< [lr.usembassy.gov/our-relationship/policy-history](http://lr.usembassy.gov/our-relationship/policy-history) > Acesso em 19 mai. 2018
- 34 WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System: Capitalism Agriculture and the Origins of the European World- Economy in the 16<sup>th</sup> Century*. Nova York: Academic Press, 1976, p.229-233